

ENCONTROS ENTRE EDUCAÇÃO POPULAR E GESTÃO DEMOCRÁTICA

PEDRO HENRIQUE TIBERY¹; VÍTOR DE MORAES KICKHOFEL²;
LEONARDO DE ANDRADE³

¹*Universidade Federal de Pelotas – pedrohenrique.tibery@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – vitorhofelkick@gmail.com*

³*Instituto Federal Sul Rio Grandense Campus Pelotas – oleonardodeandrade@yahoo.com*

1. INTRODUÇÃO

Qual seria a forma de gestão da educação popular? SILVA, SILVA e SANTOS (2016) apontam dois modelos antagônicos de gestão, a gestão democrática e o gerencialismo. A gestão democrática prioriza o bem estar dos sujeitos, já o gerencialismo prioriza o que seria lido como lucro, ou “resultados” de maneira que possa ser contado/numerado. Obviamente o modelo de gestão que instituições de ensino deveriam seguir é a gestão democrática, mas tendemos a interpretar gestão comparando instituições que tem como objetivo servir ao povo com empresas que tem como objetivo o lucro, como resultado temos instituições de ensino que adestram, que docilizam corpos, que transformam os sujeitos em mão de obra barata.

Enquanto os donos dos meios de produção material forem os mesmos donos dos meios de produção epistemológicos, a escola servirá ao plano de sociedade burguês, que é escolas para patrões e escolas para funcionários, MBEMBE (2018) descreve isso como uma necropolítica, que é uma política de morte física e cultural. Esta perspectiva gerencialista está diretamente vinculada à perspectiva de educação bancária (FREIRE, 1987), ou melhor, vinculada à Pedagogia dos Tolos (ANDRADE, 2024). Já a perspectiva de gestão democrática está vinculada à educação popular, aos movimentos sociais.

Sendo assim, há como exercer educação popular em uma instituição gerencialista? Sim. A educação popular pode ser usada como forma de decolonizar, assim como de contracolonização. NEGO BISPO (2023) nos aponta a diferença entre essas duas palavras, decolonizar exige a perspectiva de que os sujeitos ou instituição já estão colonizados e passarão por processo de descolonizar, já a contracolonização parte da ideia de que os sujeito ou instituição não foram colonizados e resistem a esta colonização diariamente, como fazem os quilombos.

Então, dentro de instituições bancárias e gerencialistas, a educação popular serve como ferramenta de resistência e decolonização. É isso que o Desafio faz, mesmo vinculado como um projeto de extensão de uma instituição gerencialista, ainda cumpre seu papel de bastião da educação popular dentro desta instituição, lidando com todos os ônus e os bônus desta relação.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de reflexões sobre minha participação e atuação na gestão do Desafio Pré-Universitário Popular no último ano. Procurando seguir o modelo de Gestão Democrática articulamos reuniões semanais entre as partes da gestão, assembleias mensais com o coletivo todo, que se divide em Coordenação Geral, Coordenação Pedagógica, Coordenação

Institucional, Coordenação de Áreas, Secretaria, Educadores e Representação Discente, Cada parte do grupo se organiza e se reúne da maneira que acharem melhor, trazendo os retornos em assembleias gerais e reuniões semanais coletivas. Além das comissões que são grupos de trabalhos para causas pontuais.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O Desafio Pré-Universitário Popular deveria estar recebendo uma verba destinada ao auxílio de educandos em vulnerabilidade social, que seria destinada ao transporte destes estudantes dos seus bairros até o Campus Ânglo, verba esta que foi aprovada no início do ano. Além disso, este ano implementamos um sistema de seleção que prioriza vagas para pessoas negras, trans, PCDs indígenas e quilombolas. Quando o Ministério da Justiça e Segurança Pública corta o auxílio que permitia que estes alunos chegassem às aulas, está praticando Gerencialismo. Em contrapartida, quando O Desafio convida a sociedade civil para uma assembleia geral na Meia Lua da praça Coronel Pedro Osório para reivindicar o direito à Educação, está praticando Gestão Democrática.

Para a UFPel o que importa no Desafio é o retorno que damos de pessoas que entram na universidade, os números. Para a Educação Popular o importante é que os sujeitos envolvidos no processo educacional se tornem críticos e ativos em qualquer espaço que ocupe, seja ele a universidade ou não. Então quando dizemos que “o Desafio aprova quem o sistema reprova”, a UFPel entende uma coisa e o Desafio entende outra. Para o Desafio apenas aprovar na universidade, sem que este sujeito tenha consciência das ferramentas de colonização da instituição seria um fracasso, por isso nossa missão as vezes se confunde entre cumprir a demanda dos pré-universitários, ou cumprir a demanda da educação popular.

Este ano não foi fácil, o MJSP tem colocado como prioridade a fiscalização orçamentária na frente do compromisso que fez com o Desafio. Para esta instituição gerencialista, nós somos números, a instituição não entende que os retroativos não recuperam as aulas perdidas, a confiança perdida, neste momento estamos a mais de um mês sem aulas presenciais por falta de repasse, um simples repasse de uma verba emergencial.

4. CONSIDERAÇÕES

O Desafio está vivendo um momento de crise, as contas não estão fechando, os educadores e educandos estão adoecendo. Talvez nem seja uma crise, Darcy Ribeiro já anunciou que a crise na educação brasileira não é crise, e sim, um projeto (RIBEIRO, 1991). O Desafio teve seu financiamento cortado porque não foi prioridade em ser mantido pela perspectiva gerencialista e necropolítica do Ministério da Justiça e Segurança Pública, mesmo assim continuamos fazendo de tudo para que, além de os educandos conquistarem suas vagas (que eram para ser de direito) na Universidade, ainda usem desta situação para construírem uma perspectiva crítica sobre os espaços que ocupam e que sejam cientes dos mecanismos de alienação, coisificação e colonização do Estado e instituições gerencialistas, pois educação popular é resistência, mas não só resistência à Pedagogia dos Tulos, mas também um caminho a se construir contracolonização.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, L. **Pedagogia dos Tolos.** Pelotas: Fugitivo Literário, 2024.

CONVERSA com Negô Bispo Por Um Mundo Contracolonialista. Palestrante: Antônio Bispo dos Santos. São Paulo: Instituto Elos, 2023. 1 vídeo (117 min). Transmitido ao vivo em 22 de novembro de 2023 pelo Canal Instituto Elos. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=01funxbYd4s&t=2865s>. Acesso em 29 de Agosto de 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

MBEMBE, A. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RODA Viva Retrô. Entrevistado: Darcy Ribeiro. São Paulo: Roda Viva (1991). 1 vídeo (88 min). Publicado em 10 de janeiro de 2020 pelo Canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gS6No7WBJFg>. Acesso em 21 de agosto de 2025.

SILVA, G; SILVA, A. V; SANTOS, I. M. **Concepções de gestão escolar pós-LDB: o gerencialismo e a gestão democrática.** Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 10, n. 19, p. 533-549, jul./dez. 2016.